

QUESTÕES PEDAGÓGICAS

(Tipos de aula)

CONCEPÇÃO HISTÓRICA DE FROISSART ATRAVÉS DA ANÁLISE DE SUAS CRÔNICAS.

Para termos o real significado do desempenho da Cavalaria na Idade Média devemos abordá-lo sob três aspectos:

1. — *O literário*, isto é, as novelas cavalleirescas e a poesia lírica, — sejam contemporâneas ou posteriores à época, — que revelam a repercursão que a Cavalaria teve na mente popular. A literatura a respeito da Cavalaria permaneceu com prestígio mesmo depois que esta perdeu seu significado.

2. — *O teórico*, observado nas obras de monges como São Bernardo e Raimundo Lúlio. O primeiro, no *Em Louvor Da Nova Milícia*, funde numa só pessoa monge e cavaleiro, que deve observar uma disciplina rígida e uma hierarquia de autoridade para atingir o ideal de servir a Deus lutando contra os infiéis e defendendo a Igreja de Cristo na Terra; êste cavaleiro era o templário, cuja Ordem durou mais ou menos dois séculos. Durante sua evolução a Ordem dos Templários foi se distanciando dos princípios rígidos estabelecidos por São Bernardo e se desligando da Igreja, sem que esta o pudesse impedir. A reação da Igreja aparece por meio das obras de Salisbury e Raimundo Lúlio. Para êste último a função da Cavalaria é trazer de novo ao mundo as virtudes perdidas no Paraíso. É uma instituição suplementar da Igreja, pois auxilia a sua afirmação com a força, desde que a palavra dos monges não o consiga. Define a posição social dos cavaleiros que, juntamente com o clero, são os ofícios mais nobres que Deus deu a êste mundo e, portanto, os de maior responsabilidade nessa sociedade. Lúlio representa um progresso na Cavalaria quando mostra a necessidade da formação teórica do cavaleiro, dada no seu *Livro de Ordem De Cavalaria*.

3. — *O histórico*, encontrado nas crônicas de Villehardouin, Joinville, Froissart, Comynnes e também em historiadores posteriores.

Tentaremos conhecer a concepção histórica de Froissart através da análise de sua obra. Para tanto, primeiramente, localizaremos o momento histórico que êle descreveu.

*

A época.

Depois da morte de Carlos IV (1328), último soberano da dinastia capetíngia, foram dois os pretendentes ao trono da França: Filipe de Valois, sobrinho de Filipe-o-Belo, e Eduardo III, rei da Inglaterra, neto de Filipe-o-Belo. Uma assembléia de barões, reu-

nida em Paris, optou por Filipe (porque Eduardo era descendente pela linha feminina, que não tinha direito a sucessão pela Lei Sálica). Com êsse príncipe inicia-se a dinastia dos Valois que permaneceu no trono da França até a morte de Henrique III (1589).

A exclusão de Eduardo III deu lugar a uma longa luta entre a França e a Inglaterra. Prolongou-se durante 116 anos e ficou conhecida na História por Guerra dos Cem Anos.

Filipe VI, logo que tomou conta do poder, obrigou Eduardo III a prestar-lhe homenagem pelas províncias que possuía na França. O soberano inglês cedeu, mas aproveitou o primeiro ensejo para declarar guerra à França. A batalha naval de Écluse abriu as hostilidades, onde os franceses foram vencidos. Houve uma trégua, e depois de certo tempo os ingleses desembarcaram na França, tomaram e saquearam algumas cidades da Normandia e bateram em Crecy o exército francês. Marcharam sobre Calais e apoderaram-se da praça, após um cerco de 11 meses.

Prenderam João II, filho de Filipe VI, e o conduziram à Inglaterra. Êste obteve a liberdade a trôco do tratado de Brétigny (1360), pelo qual cedia à Inglaterra o antigo reino da Aquitânia, isto é, quase a terça parte da França. Sucederam-se em França dois reis: Carlos V (1364-1380) e Carlos VI (1380-1422); na Inglaterra: Eduardo III (1327-1376) e Ricardo II (1377-1399). A guerra prosseguiu; com o impulso dado por Joana d'Arc e pelos generais franceses, êstes, foram alcançando sucessivas vitórias até expulsarem os ingleses de todo território francês, com exceção de Calais, e reafirmando o poder real pela ruína da independência feudal.

Como veremos, as crônicas referem-se aos fatos ocorridos até 1400.

*

Biografia.

Jean Froissat nasceu em Valenciennes, mais ou menos em 1335, no pequeno condado do Hainaut, portanto não é francês. Recebeu boa instrução e tornou-se padre. Em 1361, com 26 anos, partiu para a Inglaterra para oferecer à rainha Filipa de Hainaut um livro sobre os acontecimentos contemporâneos que deveria ser o ensaio de sua história. Inspirou-se em Jean le Bel, seu compatriota, e dêle copiou textualmente várias passagens.

“E' verdade que Sire Jean Le Bel fêz uma crônica de seu tempo, e eu aproveitei êste livro, juntei-o ao meu, em relação aos fatos acima ditos, sem tomar partido, sem colorir um mais do que o outro, a não ser os grandes feitos dos bons, de quaisquer países que êles fôssem...” (Froissart, *Chroniques* — Prólogo).

Durante 6 anos viveu agregado à côrte de Filipa de Hainaut, rainha da Inglaterra. Sua função era fazer versos e distrair a côrte.

Foi à Escócia, ao norte da Inglaterra, à Bretanha, em França; seguiu o cortejo nupcial da filha de Galeas de Milão, que se casou com um dos filhos de Eduardo III. Viajou com Chaucer; diz-se que conheceu Petrarca. Viajava quando sua protetora, a rainha Filipa, morreu em 1369, e não quis mais voltar à Inglaterra. Retornou ao seu país.

Não lhe faltaram protetores: Robert de Namur, cunhado da rainha Filipa; Aubert da Baviera, rei do Luxemburgo; Venceslau do Brabante, filho do rei da Boêmia e morto na batalha de Crecy para quem Froissart escreveu o longo romance cavalleiresco *Meliador*, no gênero dos romances da Távola Redonda.

Em 1373 recebeu a cúria de Estinnes. E' nessa época que Froissart começa a elaborar o material que havia reunido durante tanto tempo. Escreveu o primeiro livro das *Crônicas* (acontecimentos de 1325 a 1376 e terminou-o em 1378. A primeira redação desse livro de crônicas é favorável à Inglaterra. Mais tarde, sob a influência dos protetores franceses (Venceslau e Guy de Blois), Froissart faz uma segunda redação com o sentido modificado, simpático a êles. Escreveu então o segundo livro das *Crônicas* (acontecimentos de 1377 a 1385). Em 1384, Guy de Blois o faz cônego de Chimay; apesar disso e de ter recebido a cúria de Estinnes, nunca se dedicou realmente a êsses afazeres. Preferia antes viver na côrte, ouvindo relatos e preparando as suas crônicas.

Torna a viajar. Pretende conhecer o conde de Foix, Gaston de Phoebus; é um personagem letrado, brilhante e cruel que reúne em sua volta o que há de melhor na Cavalaria do tempo. Froissart leva o seu romance *Meliador* para convencer e seduzir o conde. Fica nessa côrte durante três meses para, em seguida, viajar novamente — Avignon, Roma, Paris. Outra vez em sua terra, põe-se a escrever o terceiro livro das *Crônicas* (1390). O quarto livro está inacabado. Enquanto o escrevia voltou à Inglaterra (1397), onde deu a Ricardo II um belo exemplar de sua obra poética (*Orloge Amoureux, Paradis d'Amour*).

Não se sabe bem quando morreu; uns dizem que foi em 1404, outros em 1410. De qualquer modo, pouco se conhece de seus últimos anos de vida.

Froissart viveu numa época aparentemente brilhante, quando a Cavalaria já se achava afastada da Igreja e das regras por ela instituídas, numa sociedade em que o amor era admitido com naturalidade, em que vigoravam os ideais mundanos, sociedade que o apreciou mais como poeta do que como cronista. E' grande o número de poesias que deixou — solaus, redondilhas, baladas, rondós, pastorais; deixou também poesias alegóricas, morais (*Orloge Amoureux, Paradis d'Amour*) e um grande romance cavalleiresco (*Meliador*), onde intercalou poesias líricas de Venceslau de Brabante.

O valor da obra de Froissart.

Froissart representa um progresso na historiografia porque procurava dados em fontes diversas, não se restringindo, como era costume, à versão oficial da côrte. Consultava arquivos, punha-se em contacto com os soldados, com os heróis das últimas batalhas, prisioneiros franceses, condes ingleses, grandes senhores, para obter informações.

“Afim de que os grandes, belos e bons feitos de armas que se deram durante as grandes guerras entre a França e Inglaterra e os reinos vizinhos, e também, os atos dos reis e seus conselheiros fôsem bem registrados, vistos e conhecidos nos tempos presentes e no futuro, eu vou ordená-los e contá-los em prosa, porém somente as informações verdadeiras que obtive dos valentes homens, escudeiros e cavaleiros que os tenham vivido e também alguns reis guerreiros e seus marchais que por direito são e devem ser os que investigam e relatam êsses fatos (Froissart, *Chroniques* — *Prólogo*).

A própria côrte da Inglaterra o encorajou a viajar com o fim de obter documentos, opiniões, descrições dos acontecimentos nos lugares em que êstes se deram. Êste método, contudo, encerra defeitos intrínsecos como o de permitir que opiniões individuais, interesses, paixões, memória, influam nas narrativas.

Tôda sua crônica é de grande interesse histórico, escrita num estilo vivo, claro, de muito agradável leitura. Nenhum outro cronista soube melhor que Froissart descrever a vida exterior da sociedade medieval com seus costumes, festas, proezas e armas.

Como ainda fazem alguns historiadores, Froissart viu os fatos da posição que ocupava na sociedade — viveu sempre ao lado de reis e nobres — interpretando-os de acôrdo com os valores mundanos dessa sociedade. Não se pode dizer, no entanto, que tenha sido sempre voluntariamente parcial, pois reflete a opinião das testemunhas que consultou. Fato comprovante é o ter escrito o primeiro livro das crônicas segundo a versão inglesa e mais tarde quando estava sob proteção dos franceses deu-lhe nova redação com as informações colhidas entre êles. Neste caso, temos a considerar ainda que, vivendo sob a proteção de um senhor, o cronista procurava agradá-lo acima de tudo, embora reconheça que...”

as proezas de armas são tão caramente conquistadas, como o sabem aquêles que estão acostumados a elas, que não se deve mentir para comprazer a alguém, nem elevar a glória e o renome de certas façanhas para dá-los aos que não são dignos” (Froissart, *Chroniques* — *Prólogo*).

E’ difícil encontrarmos a concepção histórica de Froissart, uma vez que êle não é um historiador. E’ um cronista e como tal relata os fatos sem criticá-los. E’ grande admirador de seu tempo mas não o compreende nem procura explicá-lo. E’ ainda um cronista. O máximo que podemos fazer para conhecermos a concepção histórica de Froissart é verificar quais os fatos a que êle dá maior importância e quais as suas finalidades.

1. — O fato essencial é a bravura (1); em torno dela gira toda sua obra. Bravura significa uma virtude tão nobre e tão recomendável que o homem não pode chegar sem ela à perfeita honra nem à glória neste mundo. O homem só se realizaria integralmente por meio da proeza, onde tinha oportunidade de revelar as qualidades ideais para a época. A bravura tem tanta importância para Froissart que até considera pecado deixar de citá-la ou esquecê-la, pois os feitos de armas são conquistados com grande dificuldade, como sabem aqueles que os praticam.

“Assim devem todos os jovens nobres que querem progredir, ter um ardente desejo de alcançar a reputação de bravura, a fim de serem contados entre os corajosos” (Froissart, *Chroniques* — Prólogo).

Decorrendo da sua própria concepção de história, Froissart afirma:

“Estou certo de que se os jovens lessem esse livro, encontrariam nele tantas grandes ações e belos encontros de armas e rudes lutas, de assaltos vivos, de batalhas ferozes e de todos os manejos de armas que provém da Bravura, como nunca poderiam encontrar em nenhuma história de que se pudesse falar, tanto antiga como recente. Essa leitura servirá de exemplo e os encorajará nas façanhas, porque a memória dos bons e a glória dos corajosos excitam naturalmente o coração dos jovens que tendem a toda perfeição de honra de que a bravura é a fonte e a origem (Froissart, *Chroniques* — Prólogo).

Isto incentivaria os jovens a procurar atingir as mesmas honras por ele descritas; mesmo aqueles com poucos recursos, tendo condições físicas favoráveis, não deveriam ser dispensados de servir sob as armas porque sempre encontrariam nos nobres e nos grandes senhores auxílio, se o merecessem, e recompensas segundo suas façanhas.

Notamos aqui que Froissart não faz distinção de posição social para a possibilidade de alcançar a perfeição de honra. Considera como Lúlio uma hierarquia de valores conquistados pelo próprio indivíduo, qualquer que seja a sua origem.

“Nas armas acontecem tantas maravilhas e belas aventuras que não se ousaria nem se poderia pensar ou imaginar o que nelas realmente se encontra. Vós vereis e encontrareis neste livro, se o lerdes, como muitos cavaleiros e escudeiros se fizeram por si mesmos e venceram na vida, mais por sua Bravura que por sua linhagem” (Froissart, *Chroniques* — Prólogo).

Apesar disso, ele mesmo admite que

...“êles (os jovens nobres) devem também considerar como seus antepassados, dos quais talvez tivessem herdado as armas, são honrados e recomendados pelos seus grandes feitos”

mostrando que na realidade os que pertenciam a uma linhagem tinham mais fácil acesso à Ordem da Cavalaria.

(1). — A palavra francesa é *Prouesse*. Na impossibilidade de encontrarmos uma tradução que encerre todo o seu conteúdo, escolhemos a palavra *Bravura*, que é a que mais se assemelha, sem contudo ser completa, pois *prouesse* implica ainda as idéias de honra, façanha, proeza, virtude e outras qualidades do cavaleiro.

2. — A finalidade da exaltação da bravura é o *exemplo* que deve ser dado aos jovens para conservar o ideal da sociedade.

“...realmente todos que lerem e ouvirem êste livro maravilhar-se-ão com as grandes aventuras que nele se encontrám, porque eu creio que, depois do início do mundo e depois que êste começou a se armar, em nenhuma outra história houve tantas maravilhas e feitos de armas como os que se deram nas guerras acima ditas (Guerra dos Cem Anos), tanto em terra como no mar, e de que vos farei menção” (Froissart, *Chroniques* — Prólogo).

Segue-se a descrição de uma batalha naval, um ataque dos ingleses à frota espanhola que tinha ido comerciar em Écluse, como exemplo dessa bravura, de tipo individual.

“...Navegando, os ingleses passaram diante da nau real e disseram: — La Salle du Roi pede socorro. Mas eles não foram entendidos, porque já era tarde, ou se o foram não receberam socorro. Eu creio que os espanhóis teriam levado a melhor se não fôsse a façanha de um criado do senhor Robert, chamado Han:kin; com a espada desembainhada, êle lançou-se à nau espanhola, aproximou-se do mastro e cortou o cabo que segura as velas e, assim, as tombaram; com outro golpe, e com grande agilidade, cortou as quatro cordas principais que sustinham o mastro e as velas e estas também caíram sobre o navio. Assim deteve-se o navio sem poder ir além. Quando Robert de Namur e seus soldados perceberam essa vantagem avançaram para a nau espanhola com grande coragem, espadas em punho, atacando todos que estavam dentro, de tal forma que todos foram mortos e atirados ao mar e a nau conquistada” (Froissart, *Chroniques* — Livro I, 2a. parte, capítulo 1, página 181).

*

A obra de Froissart como documentário sobre sua época.

O século XIV ainda é heróico, tem a religião da honra ou da bravura, que muitas vêzes não é para os cavaleiros senão ações inúteis em que arriscam a vida e a salvação de sua causa na batalha. Procuram antes a glória pessoal.

E' um heroísmo vão, despojado de toda nobreza desinteressada, da magnanimidade cristã da Cavalaria tal como foi o exemplo dos primeiros templários, mas Froissart sempre o admirou colocando a bravura como a maior de todas as virtudes. Assim é que descreve o “Combate dos 30”, ocorrido na Bretanha, durante a Guerra das Duas Mulheres, um verdadeiro massacre de 60 dos mais nobres e bravos cavaleiros dos dois exércitos, como

“uma grande façanha que não se deve esquecer, mas deve-se colocar em destaque para dar exemplo e coragem a todos os jovens.”

Admira Gaston de Phoebus, porque sua côrte reúne as figuras mais importantes da época, sem lembrar das crueldade do príncipe (mandou matar o filho devido a razões políticas). Também exalta os feitos dos *rouitiers* — salteadores, antigos soldados mercenários reduzidos à miséria pelo tratado de Brétigny, que continuavam a guerrear mesmo depois de cessadas as hostilidades — por serem

bravos, aventureiros, e gozarem vida faustosa nos castelos conquistados. Froissart desculpa suas pilhagens e os coloca no mesmo pé de igualdade que os grandes senhores. Dêsse modo descreve com tanto detalhe e interesse a vida e aventura de uns e outros que não podemos, às vezes, distinguí-los. E' o caso de Aymerigot Marchès.

"...O senescal d'Auvergne obteve comissão do duque de Berry para ir ao castelo de Tournemine, e Aymerigot lhe foi entregue. Ele se achava surpreso por ver-se nas mãos dos inimigos. Que mais lhes direi?... Pouco se viu Aymerigot depois que ficou aos cuidados do preboste de Châtelet. Foi condenado a morrer vergonhosamente como traidor da corôa de França. Um dia êle foi levado numa carreta até Halles onde o fizeram dar muitas voltas no pelourinho. (O pelourinho de Halles era o mais célebre de Paris: tinha a forma de uma torre; no alto, uma espécie de lanterna, tendo na parte inferior um círculo de ferro com três furos, por onde saíam a cabeça e as mãos do condenado; a lanterna pousava sôbre um eixo e era mudada de posição de meia em meia hora, para expor o condenado à vista do público). Depois foram lidos todos os crimes pelos quais êle recebia a morte. Em seguida êle foi executado. Sua cabeça foi arrancada, seu corpo esquarterado. Cada um dèsses pedaços foi colocado num poste e levado a cada uma das quatro portas principais de Paris. Assim morreu Aymerigot Marchès. Sôbre êle, sua mulher e sua fortuna nada mais sei."

Outro exemplo:

Para vingar-se de seus inimigos e em especial de Jean d'Hainaut o rei Filipe VI mandou incendiar a próspera cidade de Haspre cujas portas estavam abertas porque seus habitantes não tinham nenhuma suspeita de que haveria assalto. Os franceses invadiram-na e pilharam ouro, prata, jóias, animais, abandonando-a depois de a terem incendiado. Restaram apenas as muralhas da cidade e ruínas do mosteiro consagrado à São Vaast d'Arras.

*

Froissart e a Cavalaria.

Pela leitura de Froissart podemos destacar algo sôbre as *virtudes do cavaleiro*:

a) — *Bravura*, já comprovada em muitos trechos acima citados.

b) — *Dedicação*:

"Certamente, senhora, heis aqui vosso cavaleiro que não vos faltará até a morte, mesmo quando todos já vos houverem faltado. Farei tudo que puder para vos conduzir e também a vosso filho e vos restituir vosso trono na Inglaterra, ao lado dos vossos amigos como vós dissestes. Eu e todos a quem puder rogar empenharemos nisso nossas vidas até que vós sejais rainha." A rainha lhe respondeu: — "Sire, encontro em vós mais conforto e amor do que em todo o mundo. E pelo que vós me dizeis e ofereceis, 500.000 vezes obrigada. Vós sempre me fostes fiel; se, com o tempo, nós conquistarmos o nosso país como o espero, pela graça de Deus e de vós, sereis grandemente recompensado." Jean de Hainaut estava então no início de sua carreira e na flor de sua juventude e disse que não tinha senão uma morte a morrer e que era vontade de Nosso Senhor, mas que êle tinha prometido a essa gentil dama conduzi-la até seu reino, e não

lhe faltaria senão pela morte. Mais vale receber a morte por esta nobre dama, que era assim perseguida, do que em outra qualquer parte, se fôsse preciso morrer; porque todos os cavaleiros devem ajudar lealmente tôdas as senhoras e senhoritas em suas dificuldades, especialmente quando são solicitados” (Froissart, *Chroniques* — Livro I, 1a. parte, capítulo 1).

c) — *Fidelidade:*

“Foi dito ao rei de França que o rei de Navarra e de Harcourt iam permitir aos inglêses entrar em seu país, e que êles haviam feito uma nova aliança com o rei da Inglaterra. Eu não sei se isso é verdade ou não; mas eu não creio que tão valentes homens e de tão alta linhagem quisessem fazer nem pensar uma traição contra seu senhor natural. É verdade que êles não quiseram nunca consentir que o impôsto do sal fôsse implantado em suas terras. O rei Jean, que obtinha informações rápidas e que difficilmente voltava atrás quando formava uma opinião, tomou tal aversão a êsses súditos que jurou jamais gozar uma perfeita alegria enquanto êles fossem vivos” (Froissart, *Chroniques* — Livro I, 2a. parte, capítulo 3, página 198).

d) — *Justiça:*

“Depois a rainha fêz conduzir Monseigneur Hugues, pai, o Dispenheiro, e o conde d’Arundel diante de seu filho mais velho e de todos os barões que ali estavam e lhes disse que ela e seu filho fariam bom julgamento segundo seus atos. Messire Hugues respondeu: — “Ah! Senhora, Deus nos quer dar bom juiz e bom julgamento, e nós não o poderíamos ter melhor.” Então se levantou messire Thomaz Wage, bom cavaleiro, sábio e cortês, que era marechal do exército, e lhes contou tôdas as suas ações; voltou-se em seguida para um velho cavaleiro que ali estava a fim de contar sem falsidade o que mereciam tais pessoas, por julgamento, após aquêles fatos. O cavaleiro aconselhou-se com outros barões e cavaleiros e pronunciou a sentença: que bem mereciam a morte, por muitas ações horribéis que praticaram e que êle tinha por bem claras e verdadeiras. Assim foi feita a justiça no ano da graça de 1326, em outubro, no dia de São Dinis, em frente ao castelo de Bristol; lá estavam o rei, messire Hugues, filho, e mais um grande número de pessoas.” “... e messire Hugues foi julgado e assim feita a justiça; os pedaços de seu corpo foram enviados às quatro melhores cidades da Inglaterra depois de Londres.” (Froissart, *Chroniques* — Livro I, 1a. parte, capítulo 1).

*

Conclusão.

Poderíamos agora ressaltar, em resumo, as principais características da obra de Froissart:

a) — Observação dos fatos sob o prisma da posição que occupava na sociedade — nobreza.

b) — Estilo vivo devido ao contacto direto com os protagonistas dos fatos que descrevia.

c) — Vários erros e desvio da verdade, pela mesma razão. A paixão dos relatores influenciou os seus escritos.

d) — Por essa mesma razão ainda, representa um progresso na historiografia, pois não se restringia à versão oficial da côrte.

e) — Tôda sua crônica gira em tórno da idéia de bravura (*prouesse*), térmo em que estão implícitas as idéias de façanha, proeza, honra, coragem: as virtudes morais do cavaleiro.

f) — A finalidade da exaltação à bravura é o exemplo.

g) — A descrição das cenas sempre tem implícita uma virtude do cavaleiro: bravura, dedicação, fidelidade, justiça, etc. . .

h) — A todo momento coloca comentários seus, como está sublinhado no item *Fidelidade* e no episódio de Hanekin, criado de Robert de Namur.

E assim como o trabalho se desenvolveu, em linhas gerais, baseado no prólogo das Crônicas de Froissart, terminaremos com suas próprias palavras:

“Fara que no futuro possam saber quem tomou a si o encargo desta história e quem foi seu autor, vou dizer meu nome. Quando me quizerem honrar chamem-me sire Jehan Froissart, nascido no condado de Hainaut, na boa, bela e agradável cidade de Valenciennes.”

LILAZ SILVA DE PAULA e DULCE RIBEIRO

Licenciandas em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

*

* *

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:

FROISSART, JEHAN. — *Croniques*. Édition abrégée avec texte rapproché du français moderne par Mme. Witt. Paris — Librairie Hachette et Cie. 1881.

FROISSART, JEHAN. — *Chroniques (Extraits)*. Édition abrégée par Mlle. A. Perier. Paris — Librairie Hatier.

FROISSART, JEHAN — *Chroniques (Extraits)*. — Édition abrégée par André Bossuat. Paris — Librairie Larousse.